

Banco Salomon quer deixar custódia

* 2 OUT 1993

PAULO SOTERO

Correspondente

ESTADO DE SÃO PAULO

WASHINGTON — Preocupado em tranquilizar o governo brasileiro e o comitê de bancos credores sobre seu interesse na efetivação do acordo da dívida externa, além de afastar quaisquer suspeitas de que esteja operando no sentido inverso, o banco de investimentos Salomon Brothers, de Nova York, pediu ao bilionário americano Kenneth Dart, de Sarasota, Flórida, para assumir pessoalmente ou transferir para outra instituição a custódia dos cerca de US\$ 1,4 bilhão em papéis da dívida brasileira que adquiriu no mercado secundário, com grande deságio, a partir de 1991. Ele detém 5,4% da dívida — o suficiente, tecnicamente, para bloquear o negócio, que exige a anuência de credores que representem no mínimo 95% dos ativos a serem renegociados.

Dart é dono da Dart Containers, fabricante de copos e outros produtos de isopor e uma das maiores empresas de capital fechado dos Estados Unidos. Ele está dificultando a conclusão do acordo porque não aceita os termos do *rebalancing* negociado com o comitê de bancos, que obrigou os credores a colocar pelo menos 40% de seus ativos brasileiros em bônus de desconto — um dos instrumentos oferecidos pelo governo.

O investidor insiste em manter sua opção original pelos bônus de capitalização, que se tornaram especialmente atraentes com a queda da taxa de juros. Sua posição deixou a Salomon Brothers numa situação delicada. Dart é um dos mais importantes acionistas da firma e usou seus serviços para comprar a maior parte de seus papéis brasileiros.

A decisão da Salomon isolou o in-

vestidor, disseram fontes do mercado. Na opinião de fontes oficiais brasileiras e do comitê de bancos, ele terá de se enquadrar, sob o risco de fornecer um elemento desagregador do acordo da dívida no momento em que o negócio já está ameaçado pelas enormes dificuldades que o governo terá de vencer internamente para chegar a um *stand by* com o Fundo Monetário Internacional — precondição para que os EUA vendam ao Brasil os instrumentos de garantia do acordo.

Procurados, a Salomon Brothers e uma porta-voz da Dart Containers afirmaram não ter nada a dizer sobre o assunto.

Perguntado a respeito, o vice-presidente do Citibank, William R. Rhodes, afirmou no início da se-

mana que "a massa crítica será alcançada." Mas não explicou como. O Citibank é o maior credor do Brasil e comanda o comitê de bancos, no qual Dart não está representado. Executivos financeiros e fontes oficiais familiarizadas com a situação acreditam que, se o investidor não ceder, o comitê de bancos poderia, num caso extremo, propor uma redução da "massa crítica", a porcentagem de adesão necessária para a implementação do acordo. "Mas a mudança de regras não costuma ser bem recebida nos meios financeiros, porque pode criar precedentes", disse um executivo. "Ninguém sabe se e quanto Dart tem de papéis da dívida de outros países que ainda não fizeram acordo."